



**PARA O BENFICA
A TAÇA DE PORTUGAL**

TAÇA DE PORTUGAL

O DIRECTOR-GERAL DOS DESPORTOS PRESIDIU AO JOGO

A final da «Taça» contou com a presença do director-geral dos Desportos, que, antes do jogo, desceu ao relvado para entregar medalhas e cumprimentar os atletas, na companhia de dirigentes dos dois clubes. No final, o dr. Armando Rocha, na tribuna oficial, recebeu os dois capitães, entregando o troféu a Mário Coluna.



O «onze» do Benfica

DEVIA HAVER DOIS VENCEDORES

— OPINIÃO BENFIQUISTA

Na cabina dos campeões nacionais, onde toda a gente «da casa» tinha estampado no rosto o esforço físico, o psíquico, despendido ao

longo daqueles 120 minutos de jogo, reinava a satisfação pela vitória alcançada sobre a valorosa Associação Académica de Coimbra.

Um pormenor elucidativo do comportamento dos estudantes: os benfiquistas foram unânimes em considerar que a Académica seria tão digna vencedora como o foi a turma do Benfica.

Os jogadores, afinando todos pelo mesmo diapason, no tocante ao bom

(Continua na pág. 7)

A ACADÉMICA IA-NOS PREGANDO UMA PARTIDA, MAS A NOSSA PREPARAÇÃO FÍSICA DE VELHINHOS... FOI DECISIVA

Coluna, o competente «capitão» da equipa benfiquista, sereno como é seu hábito, disse-nos: «Acho que esta foi uma boa final da «Taça». Foi a primeira vez que o Benfica jogou um prolongamento na prova, e quebrámos o enguço que nos tem perseguido noutras competições. A Académica fez um grande jogo. Ia-nos pregando uma partida... Mas a rapaziada reagiu da melhor maneira, instintivamente, pois não foi necessário nenhuma chamada especial. Depois do 1-1, prevaleceu a nossa melhor preparação física. Que não é de velhinhos, como muita gente tem proclamado...

OTTO GLÓRIA:

«É pena que não possa haver dois vencedores»

Otto Glória declarou-nos: «É pena que não possa haver dois vencedores, pois a Académica foi um adversário verdadeiramente digno dos meus rapazes jogando tão bem como eles. Quando os estudantes marcaram o seu golo, não nego que julguei que tinha chegado o fim de tudo, mas os jogadores do Benfica tiveram uma reacção empolgante. Todos merecem os melhores aplausos mas Zeca e Simões foram extraordinários.

DESPORTIVAMENTE OS ESTUDANTES ACEITARAM O RESULTADO DO JOGO

Trinta anos depois, a história esteve quase a repetir-se. A oito minutos do final, surgiu o 1-0, para a Académica. Mas quatro minutos volvidos veio o empate e com ele o prolongamento. No final, vitória do Benfica, com um golo desse fabuloso Eusébio, obtido na segunda parte do prolongamento. Equipa muito especial, os estudantes não ficaram cabibaxos com a derrota.

Nem havia razão para tal, dado que souberam bater-se com grande empenho e valor. FRANCISCO ANDRADE (treinador): «Benfica e Académica forneceram espectáculo inesquecível» Francisco Andrade, o treinador, com grande calma, disse-nos: «Foi uma boa partida de

futebol, digna de uma final de Taça. Venceu o Benfica, mas a vitória poderia também ser nossa. Ambas as equipas estão de parabéns porque deram ao público um espectáculo inesquecível. Serafim entrou para o lugar de Peres, porque ele havia saído há pouco de uma lesão e porque é um jogador de remate. Foi ele quem demos boa réplica, com o golo de Vitor Campos Rocha deu-se para refrescar

(Continua na pág. 7)



Espectar solenidade

TRISTEFINAL...

Acontecimento... O futebol, na sua apoteose, não merecia final de «Taça» de tão impositiva tristeza. A ansiedade da multidão extraordinária e os esforços de nobilitante dignidade, produzidos tanto por justos vencedores como por correctos vencidos, foram insuficientes para a perpetuação da grandeza de espectáculo que costuma ser motivo de honras especiais. A quem se instalou nos degraus de granito não rareou tempo para se aperceber de várias panorâmicas que a vista abarcava. E presenciar (coisa estranha...) dentro de si algo que não batia certo.

O jogo consumiu 120 minutos que, bem espremeidos, apenas deram uns 10 por cento de positivismo, através da costurada vibração emocional que os golos acarretam. Nesse parco sumo de interesse — os dez minutos que antecederam o termo do tempo regulamentar — aconteceu a pedrada no charco (o golo da Académica) e a «raiva» benfiquista (o golo do empate). Se tanto, uns quatro minutos e meio de intervalo entre uma coisa e outra. O suficiente, no entanto, para provocar duas incidências notáveis. A nervosa alegria dos adeptos coimbrões — que sensação de mal-estar aquelas batinas de gola levantada e rostos de vincada amargura — e o tardio contentamento dos proslitos lisboetas, menos exuberantes do que lhes é habitual, talvez por influência da situação em causa. Só os carrasmos não são sensíveis.

O prolongamento foi o sublinhado de tom que ontem pairou no Jamor, onde avultam, como intérpretes, legítimos, apenas, jogadores, árbitro e público. Foi nesse prolongamento que se decidiu a tão entranhada como monocórdica contenda, com o golo triunfal. O registo da justiça. Que acaba sempre por se manifestar. O

por FERNANDO SOROMENHO

golpe de cabeça de Eusébio equivaliu à rubrica que se faz sem se olhar ao teor do papel. Tal como aconteceu em Coimbra, a Académica, de negro vestida, entrou a passo no relvado. A seu lado, imitando-a, o Benfica. Na frente, o trio de arbitragem. Figuração insólita, inadequada ao temperamento latino. A cerimónia preliminar da entrega das medalhas comemorativas do evento, de que se encarregou o director-geral dos Desportos — nota inédita e que por isso não passou despercebida —, não logrou aquietar a expectativa, de momento, alterada em substancial contingente de espectadores. Tão-pouco o rotineiro acto da



O «onze» da Académica

moeda ao ar e o primeiro silvo do apito do sr. Baltasar conseguiram disfarçar a exteriorização de sentimentos respeitáveis. Aliás, a ordem do árbitro assemelhou-se ao gesto autoritário do maestro. O hino nacional, surpreendentemente cantado, ecoou no recinto. Para se assemelhar a sopro vigoroso. Que acalenta a fé e agiganta a alma. De resto, as primeiras demonstrações do académico Manuel António deram a ideia de que no seu íntimo brotava, em caudal, a força impetuosa dos contagiantes acordes que Alfredo Keil concebeu para eterno comprazimento e orgulho da gente lusitana. Os homens, de vermelho sobre o dorso, estremeeceram. Mas logo serenaram quando Toni quase obteve golo. «Tirões forte, e a bola a deslizar sob o corpo do guarda-redes coimbrão, para esbarrar no poste. Estava-se no 4.º minuto. A fronteira de dois períodos distintos. Efémero, e da Académica. Prolongado, o do Benfica. O primeiro diluiu-se em desesperada busca. De estilo perdido. O segundo sentiu espantosa esterilidade. Opísculo de meia dúzia de páginas diante de prosa confusa e mal pontuada. Fornecida em fascículos de densa narrativa. Repetida. Desagradável. De aparente calculismo do primeiro tempo lusitano três factos de recorte harmonioso: desportivismo, arbitragem e a igualdade a zero bolas, esta a castigar a inoperância atacando dos avançados vermelhos. Momento dos que trilharam os flancos e da retaguarda irrompiam, já que os do centro tiveram em Belo o senão, em letra graúda. E quanto a milagres... Sopesados diversos considerando o próprio mar-

cador, enfrentou-se a segunda parte. As primeiras escaramuças podiam, quicá, ter frustrado o brilho que mais adiante o sector defensivo estudantil havia de construir. Mas Simões (feito aspecto o da camisola a cobrir os calções...) comprovou a sua notória alegria à condição de finalizador. Os ponteiros do relógio marchavam na cadência que não transige, até que ocorreu o imprevisto. «Livres», execução magistral de Gervásio, filha de Humberto e Manuel António a não perdoar. A sensação não atingiu o rubro, porque os rubros tal não consentiram. Arregaçar as mangas. «Alma até Almeida». A bola disparada por Eusébio, na transformação de «livre», queimou os dedos de Viegas que não o pé de Simões, providencialmente perto. Para se reabilitar de insucessos anteriores que quase colocaram o Benfica sob o cutelo... O golo da vitória, que se adivinhava pela imposição da «envergadura atlética», consumiu-se aos 19 minutos do prolongamento. Centro de Jaime Graça, generosa saída de Viegas e turrinha eusebiana. Brisa fresca em planura seca... Lutou, sim, a Académica, mas sem alardear a clareza habitual no processamento da sua manobra. O intencional povoamento do meio-campo, por parte dos benfiquistas (recuos de J. Graça e de Simões, este activo transportador), e as viagens de Toni, qual intruso, bem como as desmarcações de Eusébio e Abel originaram o

(Continua na pág. 7)



Simões empata...

TAÇA RIBEIRO DOS REIS

FESTIVAL DE PANHUFIA EM ALVALADE

Atingido um terço de prova, somente o Vitória de Setúbal é guia com vantagem substancial. O equilíbrio de valores é bem patente. Apenas quatro equipas ainda não perderam: Leixões («comandante» do Grupo A), Atlético («leader» do Grupo C), Sporting (com quatro empates) e Vitória de Setúbal, que cedeu um empate.

Não obstante a boa réplica oferecida na II Taça da Cidade do Porto, o Boavista continua sem vencer, o mesmo sucedendo no Vale-Cambrense, Luso, Seseimbra e Seixal.

No que concerne ao poder ofensivo, as turmas nortenhas mostram-se mais empreendedoras. Pouco interesse em Alvalade. A diminuta assistência também não colaborou. Aproveitando-se de tal facto, a equipa alhandrense, mercê de notável espírito de entre-ajuda, conseguiu manter inviolável as suas redes por largo período de tempo. Após o intervalo, a turma «leonina» apresentou-se com outra disposição. Mais alegre. Para isso contribuiu a série de «dribblings» de Pa-

nhufia, especialmente após o golo de Ernesto.

O triunfo sportinguista assenta perfeitamente, porquanto se coaduna ao desenrolar da partida.

V. Guimarães ...	1	2	3	4
Sp. Espinho	1	2	3	4
Boavista	1	5	1	

Próxima jornada — Espinho-Varzim; Salgueiros-Penafiel; Leixões - Sporting de Braga;

Z. A.

(Continua na pág. 7)

GRUPO A

Resultados — Espinho - Tirsense, 2-2; Varzim-Salgueiros, 3-2; Penafiel-Leixões, 1-1; Sp. Braga-Vit. Guimarães, 1-1; e Boavista-Leça, 1-5.

Rendimento de 19 golos, com realce para o Leça, um dos visitantes mais em evidência. O empate do Leixões deixou-o isolado com três perseguidores a um ponto, o que torna complexo o escalonamento classificativo. Três igualdades de resultados atestam o equilíbrio de forças.

CLASSIFICAÇÃO

	V.	E.	D.	P.
Leixões	3	3	—	9
Sp. Braga	3	2	1	8
Salgueiros	4	—	2	8
Penafiel	3	2	1	8
Varzim	3	1	2	7
Leça	3	—	3	6
Tirsense	2	1	3	5



Lance do Belenenses-Atlético, jogo a contar para a Taça Ribeiro dos Reis

BOA VONTADE DOS JUNIORES DO BELENENSES

Uma equipa contra uma autêntica manta de retalhos, este jogo do Restelo no qual o Atlético, senhor de mecanização adulta, encontrou um Belenenses em busca de uma cautela necessária para fugir à «goleada». Matrios, sabidos, os alcantarenses brincaram com o rato e fizeram os seus seis golos em contra-ataques rápidos, lineares, ainda a nível de primeira divisão. A «chapelada» de Tito, a

autoridade de Canário e o ritmo codicioso de toda a turma foram os pontos mais altos dos ex-primodivisionários. Quanto aos «azuis», o seu desinteresse pela Taça Ribeiro dos Reis, bem patente desde a primeira jornada, foi cumulado, ontem, com aquela fornada de jovens, entre os quais apenas Carlos Serafim, muito certo no «miolo». Arbitragem deficiente do sr. António Ramalho, embora sem problemas de maior.

S. C.

Na cabina dos encarnados

(Continuação da pág. 4)

comportamento dos comibricenses, disseram-nos:

SIMÕES:

«Combinei com o Eusébio a jogada do meu golo»

«Sinto-me radiante por ter participado de um espectáculo deste nível. A Académica contribuiu muito para a emoção que hoje se viveu no Jamor. A jogada do meu golo, que quer creiam quer não, estava prevista. O Eusébio disse-me para, logo que ele corresse para a bola, eu me acercesse do Viegas, pois esperava que não se segurasse o esférico. Foi o que fiz e a coisa saiu bem. A ideia da troca das camisolas partiu do Mário Campos, que, a certa altura do jogo, me disse que gostaria de no final ficar com a minha. Depois foi o que se viu. Uma lição de desportivismo que só dignifica aqueles excelentes jogadores-estudantes.

EUSEBIO:

«Fiz um esforço enorme para ficar em campo, mas o triunfo compensou-me»

Eusébio, deitado na «marquesa», submetendo-se às mãos de Hamilton Pena que o tratava da lesão sofrida perto do intervalo (um dos adjutores da perna esquerda)—Não nego que estou satisfeito pela conquista da «Taça», mas a Académica foi um adversário à nossa altura. Depois de me lesionar fiz um esforço enorme para continuar em jogo e só agora sei as dores que sinto, mas o triunfo compensou-me. O Torres chegou a preparar-se para me substituir mas eu achei que podia aguentar e fiquei até ao fim. O meu golo teve um sabor especial para mim, por ter sido marcado com a cabeça, cue não é o meu forte. Mas a bola veio ter

comigo... Alíds trata-se de uma jogada estudada entre mim e o Graça. Ele finge que vai chutar, mas centra. Poucos minutos antes ele teve um lance igual, mas rasteiro. Eu, no entanto, cheguei um tudo nada atrasado...

TORRES:

«De duas excelentes equipas ganhou a melhor»

Torres—Duas magníficas equipas disputaram uma excelente partida, com desportivismo, tendo vencido a melhor. As coisas não me correram muito de feição, pois perdi um golo por levantar um pouco mais a bola sobre o guarda-redes.

JAIME GRAÇA:

«Vi a coisa tremida quando a Académica marcou»...

Jaime Graça—E a minha segunda «Taça». A primeira foi pelo Vitória de Setúbal. Como profissional, acho que estes triunfos valorizam os jogadores. Hoje vi a coisa tremida quando a Académica marcou, mas como vi que eles abrandaram, recobrei a esperança.

TONI:

«Hoje actuei entre companheiros. Por isso se ganhasse a Académica também ficava satisfeito»

Toni—Sou um profissional do futebol e, nesta qualidade, tenho de estar radiante porque logo no meu primeiro ano ao serviço do Benfica ganhei o campeonato e a «Taça». Hoje, no entanto, ficaria igualmente satisfeito se tem ganho a Académica. E que eu actuei só entre companheiros. Os actuais e os antigos. — J. C.

NA CAPA

Imagem do Jamor. Mário Coluna empunha o valioso troféu, tendo a seu lado Gervásio. Ao lado, Eusébio «a Académica» (os jogadores no final, trocaram as camisolas), arrancada de Jaime Graça e Toni e Mário Campos, este «a Benfica» em alegre confraternização.

FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA

AVISO

ADMISSÃO DE PESSOAL DE ENFERMAGEM

Está aberta a inscrição de profissionais de enfermagem — enfermeiros, enfermeiras, parceiras e auxiliares de enfermagem — para o preenchimento de vagas existentes nos Postos Clínicos da cidade de Lisboa e arredores.

Os interessados devem remeter à Sede da Federação — Avenida Manuel da Maia, 58-2.º, Esq.º — Lisboa, requerimento indicando nome, idade, estado civil, filiação, naturalidade, residência e categoria profissional.

Lisboa, 16 de Junho de 1969.

A DIRECÇÃO

A «FINAL» DO JAMOR

(Continuação da pág. 5)

desmantelamento da estrutura académica na medida em que propiciaram a estabilização dos alieceres lisboetas. Nunca mais tal estado de coisas se modificou, conquanto não descoroçoasse o brioso opositor, Serafim houvesse entrado para substituir Peres e, no prolongamento, Vitor Campos cedesse o lugar a Rocha. Não será despropositado referir, a propósito, o oportunismo das substituições ordenadas por Otto Glória. Torres no começo da segunda parte e José Augusto por volta da meia hora. Na confrontação, vantagem também do Benfica, mercê da evidente valia dos substitutos. Um segredo que não é segredo...

Viegas, inseguro de início (nervos à flor da pele), creditou-se de um punhado de excelentes intervenções, mas nos dois golos careceu de eficiência. Saiu muito da baliza no tento de Eusébio e no de Simões largou a bola.

No quarteto defensivo, brilhou Belo, aliás o melhor elemento sobre o relvado. Exímio na antecipação, batilhador e extraordinário nos apoios aos flancos. Acabou por «endireitar» Vieira Nunes, pelo que a positiva «dupla» não demerereu da sua fama. Gervásio foi a personificação da fleuma.

Muitos problemas para os homens do meio-campo e, por conseguinte, precipitações nocivas, em especial no tocante à ordenação da manobra. A Rui Rodrigues faltou a companhia de Gervásio, já que Nene se atrasou (2.º tempo) tardiamente. Aliás, Nene não pôde dar a medida exacta da sua real capacidade. O acontecimento diminuiu-o. Peres esforçou-se, em vão, enquanto os manos Campos se quedaron na utilidade que exigiu, como é óbvio, aplicação constante, factor comum em todos. Mesmo em Manuel António, o avançado que precisa de alguém, de perto, para a construção das «tabelinhas».

Consciência colectiva, maturidade e espírito desanviado caracterizaram um Benfica que fechou com chave de ouro a época de 1968-69. Vitória no «Nacional», vitória na «Taça». Confirmação de superioridade.

Nenhuma restrição aos homens da retaguarda, salvo no lapso de Humberto. José Henrique alardeou desembaraço, abandonando o imobilismo comprometedor. Malta da Silva e Adolfo formaram uma parilha de laterais de bom recorte. E Zeca terá efectuado a melhor exibição no lugar que por mérito próprio conquistou. Otto sabe aguardar pelo florescimento das qualidades...

Coluna no tom que lhe é, de momento, peculiar, como suporte, e Toni incansável na movimentação.

Jaime Graça concretizou o desencontro da velocidade com o remate, este frouxo. Abel batalhou, sem finalizar. Idem, com Eusébio, aliás bem vigiado. Simões tratou de fazer esquecer «exibições infelizes». Torres e José Augusto fizeram valer os seus recursos. Que são positivos. Amplamente. Claro...

O sr. Ismael Baltasar, em jogo correcto, não desfez da palidez do encontro. Acreditou nos auxiliares que, involuntariamente, o desacreditaram em certos momentos. Sabe mais. O acontecimento perturbou-o.

E a troca de camisolas, os abraços e os aplausos da multidão? Belexa.

F. S.

O QUE PENSAM OS ESTUDANTES

(Continuação da pág. 5)

Taças. Sobre a arbitragem, uma palavra: excelente!

VEIGAS:

«Talvez tenha sido culpado no primeiro golo»

Os guarda-redes, são geralmente os grandes culpados das derrotas — na opinião do público. Viegas, que sofreu um golo quando se esperava já a vitória dos estudantes e outro no prolongamento, disse-nos: — Talvez tenha sido culpado no primeiro golo, pois tardei em levantar-me. No outro, acho que não. O

MANUEL ANTÓNIO:

«Cheguei a convencer-me que a Taça já era nossa»...

Manuel António, autor do tento da sua equipa, atravessava o túnel, a caminho das cabinas, com a camisola do Benfica, que recebera

em troca com a sua. Disse-nos:

— Quando marquei o golo, cheguei a convencer-me que a Taça já era nossa, pois, de fora haviam-nos dito que faltavam poucos minutos. Embora também as sentasse bem à nossa equipa, concordo com a vitória do Benfica. Distinguir nomes? Para quê, se todos foram dignos de parabéns pelo belo espectáculo proporcionado ao público. Além do golo, julgo que desfrutei apenas de mais uma oportunidade, que desperditei, por rematar ao lado.

RAZÃO TINHA GERVÁSIO PARA NÃO ACREDITAR NA VITÓRIA DA ACADÉMICA

Tendo tido a vitória à vista, os estudantes acabaram por deixar fugir o pássaro. Mesmo assim, porém, reconheceram, desportivamente, o mérito do triunfo adversário.

Gervásio, «capitão» da equipa coimbrã desabafou, no final do encontro:

— Tivemos a vitória na mão e acabámos por perder. Eles jogaram melhor, é certo, mas, também, tiveram sorte. Coisas do jogo!... Razão tinha eu para não acreditar na vitória. Não porque duvidasse do valor da nossa equipa. Mas que quer?... Pressentimentos!...

TAÇA «RIBEIRO DOS REIS»

(Continuação da pág. 5)

Vitória de Guimarães-Boavista e Tirsense-Leça.

GRUPO B

Resultados — Vale-Cambrense-Peniche, 1-2; Sp. Covilhã-Acad. Viseu, 1-0; Desp. Gouveia-União Lamas, 4-3; Sanjoanense-Tramagal, 4-0; Beira Mar-Torres Novas, 5-1.

Total de 21 golos com destaque para a dianteira dos aveirenses. O Peniche foi o único visitante vencedor no grupo. A derrota dos torrijanos permitiu ao Gouveia a subida ao primeiro posto, isolado.

Primeira vitória dos «leões» covilhanenses e sexta derrota consecutiva da turma de Vale de Cambra.

CLASSIFICAÇÃO

	V.	E.	D.	P.
Desp. Gouveia ...	4	1	1	9
Beira Mar ...	4	—	2	8
Torres Novas ...	4	—	2	8
Tramagal ...	2	3	1	7
U. Lamas ...	3	1	2	7
Peniche ...	3	1	2	7
Sanjoanense ...	3	—	3	6
Académico ...	2	1	3	5
Sp. Covilhã ...	1	1	4	3
Vale - Cambrense	—	—	6	0

Próxima jornada — Vale-Cambrense-Sporting da Covilhã; Académico de Viseu-Desp. Gouveia; União de Lamas-Sanjoanense; Tramagal-Beira Mar e Peniche-Torres Novas.

GRUPO C

Resultados — «Os Leões»-Oriental, 4-5; Torriense-Sintrense, 4-0; Sporting-Alhandra, 3-0; Marítimo-Benfica, 0-0; e Belenenses-Atlético, 0-6.

CLASSIFICAÇÃO

	V.	E.	D.	P.
Atlético ...	3	3	—	9
Benfica ...	3	2	1	8
Sporting ...	2	4	—	8
Marítimo ...	2	3	1	7
Oriental ...	2	3	1	7
Alhandra ...	3	1	2	7
Torriense ...	3	—	3	6
Belenenses ...	1	1	4	3
«Os Leões» ...	1	1	4	3
Sintrense ...	1	—	5	2

Próxima jornada — «Os Leões»-Torriense; Sintrense-Sporting; Alhandra-Marítimo; Benfica-Belenenses; e Oriental-Atlético.

GRUPO D

Resultados — Vit. Setúbal-Barreirense, 1-0; Sesimbra-Seixal, 1-1; Portimonense-Almada, 2-0; Lusitano-Montijo, 1-1; e Luso-C. U. F., 0-2.

O grupo menos produtivo, apenas com 9 golos no total. Os setubalenses somam e seguem, aumentando a sua vantagem na tabela, mantendo-se como «leaders» mais destacados.

CLASSIFICAÇÃO

	V.	E.	D.	P.
V. Setúbal ...	5	1	—	11
C. U. F. ...	4	—	2	8

Portimonense ...	3	2	1	6
Montijo ...	2	3	1	6
Barreirense ...	2	2	2	6
Almada ...	2	1	3	5
Luso ...	—	4	2	4
Lusitano ...	1	2	3	4
Sesimbra ...	—	4	2	4
Seixal ...	—	3	3	3

Próxima jornada — Vitória de Setúbal-Sesimbra; Seixal-Portimonense; Almada-Lusitano; Montijo-Luso; e Barreirense-C. U. F.

Ferrão carrasco dos escalabitanos

Iniciando a partida com demasiada lentidão, a equipa local permitiu que os orientais tomassem o ascendente da partida. E que marcassem. Foi seu autor Ferrão, num lance antecedido de falta. Não obstante o cariz verificado, os escalabitanos lograram empatar até ao intervalo.

No período complementar, ambas as equipas modificaram o sistema então adoptado. E após novo golo de Ferrão, os locais obtiveram três tentos.

Revelou-se, então, a inoperância do guarda-redes ribatejano, o que proporcionou a inesperada vitória orientalista.

O empate, pelo que as turmas mostraram durante os noventa minutos, seria o resultado mais aceitável.

J. E.

JOGO-TREINO

EM TORRES VEDRAS

Em Torres Vedras jogou-se a passo, sem fulgor, com os locais a dominarem territorialmente, contra um adversário atabalhado que nunca atinou com a posição dos seus elementos no terreno. Os golos surgiram com naturalidade e a diferença no marcador poderia até ser mais expressiva.

As substituições operadas nas duas turmas não trouxeram qualquer mudança ao cariz do jogo.

Resumindo: jogo de pouco interesse e resultado lição para o Sintrense, onde se destacaram apenas José João e Dias.

Boa nota Torriense, merecem boa nota Nineu e Narciso. A expulsão do sintrense Brinca foi um pouco tardia, pois a violência foi a arma que adoptou para o desarme dos adversários.

Boa arbitragem do sr. Graça da Silva, de Santarém.

J. LOPES

EMPATE DO BENFICA NO JOGO DO FUNCHAL

O Benfica começou bem a partida. Lançado na ofensiva. Os locais, porém, replicaram animosamente. Praia esteve em evidência na meia hora inicial ao desperdiçar duas ocasiões de marcar.

Notou-se egoísmo nos avançados de ambos os grupos, o que lhes diminuiu as probabilidades de fazerem funcionar o marcador.

O Marítimo tentou um «forcing» final e Angelo, após um livre de António João, cabeceou o esférico le-

vando-o a subir, com Abrantes batido.

A marca final aceita-se pela parcimónia atacante dos grupos.

Árbitro: Aníbal de Oliveira, de Lisboa.

MARÍTIMO — Crisalena; António, João, Lamelino e Andrade; Eugénio (Sidãoio) e Nunes; Angelo, Belarmino, Vasco e Noémio.

BENFICA — Abrantes; Cavém, Humberto Fernandes, Marques e Tomás; Vi-

tor Martins e Matine; Pavão, Vieira (Pinheiro), Prata e Nenê.

HIPOTECAS sobre PROPRIEDADES E AUTOMÓVEIS

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69
Telefs. 446 02 - 53 65 69